



Ney Vernon Vugman*

* Doutor em Ciências (Física). Pesquisador da consciência. Professor do Instituto de Física da UFRJ.

nvugman@meuprovedor.com.br

Unitermos

Consciencialidade
Dualidade
Física
Informação
Multidimensionalidade
Pesquisa

Keywords

Conscientuality
Duality
Information
Multidimensionality
Physical
Research

Palabras-Clave

Consciencialidad
Dualidad
Física
Información
Investigación
Multidimensionalidad

Pesquisa Conscienciológica, Dualidade, Informação e Evolução

Conscientiological Research, Duality,
Information and Evolution
Investigación Conscienciológica, Dualidad,
Información y Evolución

Resumo:

Neste trabalho, aborda-se o conceito de dualidade aplicada à pesquisa científica conscienciológica, à multidimensionalidade e à autoconscientização, através da filtragem exercida pelo cérebro humano. Associa-se a pensividade com entropia e informação de forma qualitativa. Sugere-se que a evolução consciencial não seja regida pela maximização da entropia (postulado de Boltzmann para a intrafísica). Mostra-se de que modo os conceitos de frequência, ressonância e série harmônica podem estar superados enquanto verdades relativas de ponta para a Conscienciologia. Alerta-se o leitor para as armadilhas da utilização de analogias da Física Quântica em Conscienciologia e enfatiza-se que a evolução ocorre continuamente através do esforço consciencial permanente.

Abstract:

This work approaches the concept of duality applied to conscientiological research, to multidimensionality and to self-awareness, through the filtering carried out by the human brain. It associates thosenity with entropy and information in a qualitative manner. The author suggests that consciencial evolution is not governed by the maximization of entropy (Boltzmann's postulate for intra-physicality). It is shown that the concepts of frequency, resonance and harmonic series may be overcome as leading-edge-relative-truths to Conscientiology. The reader is warned about the traps of the use of Quantum Physics analogies in Conscientiology and it is emphasized that evolution happens continually through permanent consciencial effort.

Resumen:

En este trabajo se aborda el concepto de dualidad aplicada a la investigación científica conscienciológica, a la multidimensionalidad y a la autoconcientización, a través del filtraje ejercido por el cerebro humano. Se asocia a la pensividad con entropía e información de forma cualitativa. Se sugiere que la evolución consciencial no sea regida por la maximización de la entropía (postulado de Boltzmann para la intrafísica). Se muestra de qué modo los conceptos de frecuencia, resonancia y serie armónica pueden estar superados con respecto a las verdades relativas de punta para la Conscienciología. Se alerta al lector por las trampas de la utilización de analogías de la Física Cuántica en Conscienciología y se enfatiza que la evolución ocurre continuamente a través del esfuerzo consciencial permanente.

Introdução

A ciência, por participar do destino das instituições sociais, sofre também das mesmas enfer-

midades e contém os mesmos impulsos vitais. O cientista corre o risco de virar um mito. Todo mito é perigoso porque induz o comportamento de

forma geral e inibe o pensamento. Pode parecer que existe uma classe especializada em pensar de maneira correta (os cientistas) e que os outros indivíduos são liberados da obrigação de pensar e podem simplesmente fazer o que os cientistas mandam. É necessário acabar com o mito de que o cientista é uma pessoa que pensa melhor que as outras, na ciência em geral (RAJNEESH, 1984) e na Conscienciologia.

A pesquisa conscienciológica apresenta uma dualidade básica. Por um lado, além da dificuldade de apresentar por objeto de estudo o próprio sujeito, exige uma validação à maneira das ciências convencionais, validação cujo método, ainda, é um tema aberto para pesquisa dentro da própria Conscienciologia. Por outro lado, mais importante, a pesquisa conscienciológica implica recuperação de holomemória e reintegração multidimensional; pesquisar em Conscienciologia, por implicar transcender a intrafísica em busca de um estado de consciência contínua, contrapõe-se, paradigmaticamente, à ciência materialista, naturalmente sem excluí-la. Através da pesquisa conscienciológica é possível um acesso mentalsomático às consciências mais evoluídas, com troca de informação, num processo assistencial. A assistencialidade a nível mentalsomático é realizada em mão múltipla: quem assiste é inevitavelmente assistido, em virtude da troca de energia consciencial realizada através da troca de informação, patrocinada pela interação mentalsomática.

A finalidade da pesquisa em Conscienciologia é promover a evolução da consciência através da atividade mentalsomática e melhorar o seu padrão de assistencialidade. A pesquisa em si é um produto secundário. Se realizada com cuidado não interfere na prática assistencial. Se interferir corrompe o principal objetivo da pesquisa.

Há também um terceiro aspecto resultante da pesquisa conscienciológica ou da marcha necessária para iniciá-la. Trata-se da indispensável aquisição de conhecimentos básicos, do mesmo modo que nas

outras ciências. Poderíamos pensar este aspecto contendo uma dualidade: aquele que estuda e aprende está também sendo treinado para a troca multidimensional. Aprender, neste contexto, significa auto- Adaptação à maxiengrenagem, assimilação gradativa do holopensene conscienciológico multidimensional.

Dualidade e multidimensionalidade

A dualidade – sistema filosófico que admite dois princípios opostos – é necessária para o aprendizado nesta dimensão, neste planeta-escola. Para aprender é preciso separar, analisar. A dialética – procura da verdade por meio de oposição e conciliação de contradições – é um exercício necessário na intrafísica: tese e antítese levando à almejada síntese que significa a compreensão, a elaboração da visão humana do mundo físico. O tempo, uma das características da intrafísica, é dual. Passado e futuro funcionam como tese e antítese, sendo o presente o ponto de síntese.

A questão da não-dualidade diz respeito às dimensões conscienciais extrafísicas mais evoluídas. Aí não há o tempo, não há mais necessidade de aprender para *sobreviver*; provavelmente aprende-se para *evoluir*, em um contexto transcendente, onde se incorporam pensenes adequados que contribuirão para o acréscimo da sabedoria consciencial. Trata-se, nestas dimensões conscienciais, não do enriquecimento da inexistente memória cerebral, mas da memória da consciência, a holomemória.

Para provar da multidimensionalidade sutil, das dimensões extrafísicas mais evoluídas, é necessário buscar apagar a dualidade do raciocínio (RINPOCHE, 1995). A linguagem utilizada, o “conscienciês”, é instantâneo, a informação é passada em blocos. Basta pensar em pensar, ou seja, espoucar a idéia, para que tenha havido, através da pensenização, a troca de informação. Informação trocada a este nível conduz à sabedoria (VUGMAN, 2001). A não-dualidade é a realidade multidimensional sutil.

A multidimensionalidade, o cérebro humano e a dualidade

A dimensão intrafísica é a dimensão da radiação eletromagnética, meio mais rápido de transmissão de informação. Nesta dimensão valem as leis da Física atual e, segundo a teoria da relatividade, a velocidade da luz é a maior que pode ser alcançada (EINSTEIN & INFELD, 1966). O conceito de Universo abrange toda esta dimensão. As leis, portanto, são as mesmas em todo este Universo. Mas este Universo, infinito na intrafísica, é finito enquanto dimensão consciencial.

Em dimensões conscienciais mais sutis não há tempo e espaço, passado-presente-futuro, tudo acontecendo ao mesmo “tempo”. A velocidade da luz perde o significado se tempo e espaço não são mais passíveis de conceituação. Portanto a nossa Física, a nossa mecânica, também perde o sentido nestas dimensões onde a matéria densa não se faz presente. A informação não mais é transmitida com a limitação da velocidade da radiação eletromagnética. Agora se transmite através do pensamento puro, da vontade consciencial. Aqui não há mais dualidade. Não é mais necessário não ser para ser.

O que importa nestas dimensões? A simples existência, a harmonia, o amor sereno, o exercício tranqüilo da evolução. Não mais se tem a intenção de explicar, preocupações com a forma. Só o existir basta, um existir em grau evolutivo tão distinto da intrafísica que nosso cérebro dificilmente pode expressar.

A dualidade só tem sentido quando o tempo existe. A estados opostos presume-se uma observação que não pode ser simultânea; o cérebro humano necessita de tempo para funcionar. É preciso organizar a informação; organização requer um eixo temporal.

O cérebro, órgão mais nobre do ser humano, responsável pelo comando do soma, é também a fonte de restrição ao acesso às outras dimensões (aqui a dualidade necessária para a dimensão intrafísica). É um grande filtro de informação. A consciência, ao permear as dimensões conscienciais,

tenta trazer informação sobre a multidimensionalidade através do cérebro, que as decodifica em termos intrafísicos. É lógico concluir que, *nesta filtragem*, possam surgir vários equívocos quanto à natureza da multidimensionalidade. É também lógico concluir que *o exercício da intelectualidade sadia contribui para o aprimoramento deste grande filtro*, incrementando seus processos de sinapse e suas representações psicológicas (POPPER & ECCLES, 1992).

Do referencial extrafísico, pela *Extrafísica* (VIEIRA, 1999), a consciex não se restringe ao problema da dualidade física por não possuir o cérebro físico. Por outro lado, a existência de dimensões conscienciais paratroposféricas, mais afinadas com a dimensão intrafísica, é extensivamente relatada por vários projetores conscientes. Pela *Projeciologia* (VIEIRA, 1999), o projetor intrafísico consegue escapar temporariamente da dualidade do cérebro físico, quando está fora do corpo com lucidez. No momento em que volta para o corpo físico e consegue rememorar com seu cérebro sua experiência extracorpórea, pode ampliar sua inteligência parapsíquica e sua autoconscientização multidimensional. A tentação de usar a Física para estas dimensões é muito grande (VUGMAN, 1999) dadas algumas semelhanças decorrentes da proximidade energética e pensênica.

Para dimensões mais evoluídas, entretanto, tempo não existe. Se o cérebro filtrar informações destas dimensões, provavelmente vai decodificar enquanto “luzes”, “cores”, existência sem formas, energias, sentimentos de paz, serenidade. Paz, amor universal, poesia, música sutil, provavelmente decodificações cerebrais, são sublimes recordações de contatos com consciência livre (VIEIRA, 1995).

Pensénidade, dimensões conscienciais e entropia

As dimensões conscienciais estão ligadas ao padrão pensênico e à qualidade da informação associada. Evoluir é galgar níveis conscienciais através da melhora da qualidade pensênica. As

“colônias extrafísicas” são afinizações pensênicas (VIEIRA, 1994). Portanto, não necessariamente retorna-se à origem extrafísica após a dessoma; se tiver havido uma melhoria da qualidade pensênica, através do trabalho consciencial na seriéxis, é lógico supor que se pode retornar a uma dimensão consciencial mais evoluída.

A qualidade pensênica também está relacionada à organização da informação consciencial. Chamamos sabedoria à informação consciencial organizada na holomemória (VUGMAN, 2001). Entropia é um conceito relacionado ao grau de desordem de um sistema (MORSE, 1964). Quanto maior a desorganização maior será a entropia. A energia imanente desorganiza-se ao receber informação e transformar-se em energia consciencial. A entropia de um sistema onde a energia é puramente imanente deve ser a menor possível.

A evolução consciencial implica organização, diminuição da entropia. Na dimensão intrafísica sabe-se que o equilíbrio termodinâmico (estado mais provável para os sistemas materiais) é atingido quando a entropia do sistema for a maior possível e a energia for a menor possível. Percebe-se aqui que a base da Física Térmica não se aplica à evolução consciencial.

Dimensões conscienciais, frequência e ressonância

Da mesma forma que a entropia, outros conceitos da Física podem não se aplicar corretamente à Conscienciologia. Em que sentido os conceitos de frequência e ressonância estariam associados às dimensões conscienciais regidas pela qualidade pensênica?

Frequência é um termo empregado em Física para indicar o número de vezes que um fenômeno cíclico se repete na unidade de tempo. Exemplos de fenômenos cíclicos: ondas em propagação (luz, som), oscilações pendulares, bater de asas de pássaros, a alternância dos dias e noites, os batimentos cardíacos e muitos outros. Mesmo os fenômenos que aparentemente não são cíclicos podem ser de-

compostos, ou analisados, em termos de fenômenos cíclicos; as frequências e as intensidades de seus componentes podem ser determinadas por um procedimento matemático desenvolvido por Joseph Fourier (1768-1830) durante seu estudo da propagação do calor.

Todos os sistemas mecânicos, clássicos ou quânticos, possuem frequências próprias de vibração. Em princípio, quanto mais complexo o sistema, maior é o número de suas frequências próprias (naturais). Em consequência, quando um sistema físico for perturbado por um agente externo que possuir a mesma frequência que alguma frequência natural sua, poderá ocorrer uma absorção de energia por um fenômeno chamado de ressonância. É imprescindível, entretanto, que a natureza física do agente perturbador e do sistema a ser perturbado seja a mesma: agentes mecânicos interagem com sistemas mecânicos, magnéticos com sistemas magnéticos, elétricos com sistemas elétricos e assim por diante. Daí a qualificação da ressonância: mecânica, magnética, elétrica, etc.

O conceito de frequência tem migrado para muitas outras ciências e atividades. Na área da Psicologia, por exemplo, quando Freud, ao final do século 19, deparou-se com a necessidade de explicar os aspectos qualitativos da metapsicologia, no “Projeto para uma Psicologia Científica” (FREUD, 1972), ele introduziu o conceito de período (que em Física vale o inverso da frequência, ou seja, o tempo de duração de um ciclo). Na área do esoterismo, o conceito de frequência entra principalmente quando se consideram as cores. Nestes termos, pensa-se em uma linguagem das cores atribuindo-lhes um simbolismo universal e um meio de poder controlar nossas emoções e pensamentos (ROUSSEAU, 1980). Afirma-se a possibilidade de tratamento da aura e, portanto, de doenças através do emprego de luz colorida (BRENNAN, 1995). De forma geral, há tendência de se relacionar a idéia de energia consciencial com “vibração”, ou seja, algo dotado de frequência.

A luz é um fenômeno bastante democrático:

basta a visão razoável para que qualquer pessoa possa perceber as cores com facilidade. Todos temos o direito à observação de um lindo arco-íris, ou a apreciar a profusão de cores de um pôr de sol ou amanhecer. Já a paravisão não é assim tão democrática: nem todos conseguem, a qualquer instante, observar a aura humana ou acoplamentos energéticos; é preciso, em geral, além de vontade firme, um bom investimento em concentração. A diferença entre a visão e a paravisão fica mais clara se nos lembrarmos que basta diminuta intensidade luminosa para impressionar um filme fotográfico moderno; mas nem a mais potente aura consegue esta proeza.

O bom senso manda, portanto, que se faça uma distinção lúcida e permanente entre luz (bem entendida no sentido físico de radiação eletromagnética) e a ainda pouco entendida percepção paracebral que o cérebro decodifica como cor.

Em Conscienciologia e outras Ciências também se busca a modelagem dos fatos experimentais, embora as experiências sejam personalíssimas. Criou-se, entre outros, o modelo da série harmônica, diretamente baseado na série de Fourier. Vieira (1999) ressalta, com toda razão, que “esta é uma proposição de um modelo teórico, fatural, inicial, simples..., *primeiro passo para modelos futuros, mais sofisticados*, dos estados dos vários corpos, suas partes, suas interações com os vários estados da “matéria” ou campos condensados, interações com outras consciências, e intra-ações com a própria consciência”. O modelo da série harmônica, visualizado na sua criação, baseia-se em conceitos mecanicistas e seu emprego arrisca reduzir tudo o que se tem por mais básico e ainda inexplicado na Conscienciologia – o seu vasto campo de estudo – a frequência e ressonância. Desta forma, não me parece correto continuar a utilizar o modelo da série harmônica como uma verdade relativa de ponta. Novas idéias devem ser consideradas, principalmente aquelas baseadas na teoria da informação, conceito migrado da Física Estatística (MORSE, 1964). A informação relaciona-se com a entropia de um sistema, medida relativa do seu grau de desordem,

como já vimos. De forma geral, quanto maior a entropia, menor a informação adquirida na percepção de cada evento. Contrapondo-se à associação de uma dada frequência a um pensene (unidade de manifestação prática da consciência) pode-se associar o pensene à informação. O pensene porta a informação associada à energia consciencial. A absorção de energia imanente implica sua associação a uma informação, em um processo que depende da consciência absorvedora. A informação não é um conceito mecanicista; é um conceito amplo que pode ser útil para a pesquisa em Conscienciologia.

Sem dúvida os conceitos de frequência e ressonância foram interessantes no início da Conscienciologia, alcançando seu apogeu com a teoria da série harmônica, bem colocada dentro de um ponto de vista inicial. No estágio atual de nosso conhecimento, estes conceitos deveriam ser substituídos pelos conceitos de qualidade e afinidade pensênica, que surgem da própria Conscienciologia, através do neologismo fundamental que é o pensene. Não se trata de trocar por trocar. Trata-se de partir para uma nova conceituação que já está no nosso cotidiano. Trata-se também de corajosamente romper com conceitos já consagrados pelo misticismo e que ainda hoje são considerados por muitas consciências dentro das mais diversas seitas religiosas.

Este passo a frente no processo evolutivo leva também uma consignaço cosmoética: como ensinar o que já está ultrapassado sem romper nosso compromisso científico com as verdades relativas de ponta? Ao percebermos que o conhecimento está sendo modificado e que já temos acesso ao novo, como justificar cosmoeticamente a permanência no superado?

A Física Quântica é necessária à Conscienciologia?

Breve discussão sobre o determinismo e a Mecânica Quântica

Um dos problemas mais sutis da Física Contemporânea é a relação entre o mundo macros-

cópico, descrito pela Física Clássica, e o mundo microscópico, regido pelas leis da Física Quântica (DAVIDOVICH, 1998).

Classicamente podemos determinar, simultaneamente e com a mesma precisão, a posição e a velocidade de uma partícula, grandezas necessárias ao conhecimento do seu estado de movimento. Na teoria quântica, entretanto, a determinação da posição de uma partícula modifica de modo não controlado a sua velocidade; quanto mais precisa for a determinação da posição, maior será a incerteza na determinação da velocidade e vice-versa (princípio da incerteza de Heisenberg).

As partículas do microcosmos (dimensões moleculares) exibem notáveis propriedades de ondas (dualidade onda-partícula de Louis de Broglie). Associado à incerteza e ao caráter ondulatório das partículas, aparece o conceito de probabilidade estreitamente ligado ao processo quântico de observação, ou de medida.

No âmbito da Física Clássica, admite-se ser possível realizar uma medida sobre um sistema sem alterar o seu estado; por exemplo, a luz espalhada por uma bolinha, e que nos permite vê-la, pode ser considerada suficientemente fraca de modo a não alterar a sua posição ou a sua velocidade. Na Física Quântica, por outro lado, as medidas mudam os estados dos sistemas medidos, de uma forma que o resultado da medida torna-se uma escolha entre várias possibilidades oferecidas por uma distribuição estatística. Em termos mais técnicos, diz-se que os sistemas quânticos são descritos por uma *superposição coerente* de estados possíveis; após a medida, dependendo do resultado do experimento, o sistema é colocado em apenas um destes estados.

Tentemos esclarecer esta sutil e fundamental diferença entre a Física Clássica e a Física Quântica com o auxílio de um exemplo. Classicamente, poderíamos tentar utilizar a linguagem acima para o caso de uma moeda perfeita lançada ao chão: antes de observá-la, podemos dizer que ela se encontra em uma superposição de dois estados, um que corresponde à cara e outro à coroa, cada um com

igual probabilidade de ocorrer. Aqui, a descrição em termos de uma superposição estatística clássica representa apenas nosso desconhecimento a respeito do estado da moeda. Do ponto de vista quântico, também não podemos dizer antes da medida em que estado a moeda se encontra, mas, considerando o conceito quântico de superposição coerente de estados, a moeda poderia *estar nos dois estados ao mesmo tempo*.

Mas seria possível existir um estado de superposição coerente no mundo macroscópico? Poderia uma pedra estar localizada em duas regiões distintas do espaço ao mesmo tempo? Na verdade, à luz da teoria quântica, era difícil entender por que estados como estes não ocorrem frequentemente para objetos macroscópicos. Nos últimos anos, começaram a surgir respostas a essas perguntas. Vários físicos mostraram que a coerência dessas superposições é rapidamente destruída devido às interações do sistema considerado com o resto do Universo (ZUREK, 1991), ou seja, devido ao caráter dissipativo (atrito) dos sistemas reais. Como consequência da dissipação, para uma superposição de estados clássicos distintos, o tempo associado à perda de coerência é *muito menor* que o tempo associado à perda de energia (tempo de dissipação). Para se ter uma idéia mais quantitativa, uma pedra de massa igual a um grama, que poderia estar localizada em duas regiões separadas por apenas um centímetro, apresenta um tempo de coerência 10^{40} vezes (o número 10 seguido de trinta e nove zeros!) *menor* que o tempo de dissipação. Portanto, o desaparecimento da coerência é tão rápido que é *praticamente impossível observar efeitos quânticos no mundo macroscópico*.

Poder-se-ia alegar que, afinal de contas, se a perda de coerência relaciona-se com a interação entre o sistema considerado e o resto do Universo, estamos abrindo mão de um conhecimento completo ao concentrarmos nossa atenção sobre o sistema e ignorarmos como se transforma o resto do Universo devido a esta interação. Não seria esta a origem do comportamento probabilístico? Segundo

a Física Quântica, a resposta a esta pergunta é absolutamente não. Considerando todo o Universo como o sistema em estudo, devemos continuar a ter como solução da equação básica da Mecânica Quântica (a equação de Schrödinger) uma superposição coerente de estados e, portanto, manter o caráter probabilístico da teoria. É claro que, neste enfoque, cada estado do sistema universo torna-se correlacionado com outros estados do sistema universo e nos aproximamos um pouco da filosofia *bootstrap* (CAPRA, 1996). Mas isto levanta uma questão até o momento sem resposta: qual o significado de considerar o Universo como o sistema em estudo? Como entender o seu caráter probabilístico, se este está associado a medidas, e não há observadores externos ao Universo, que por definição deve englobar a tudo e a todos? Como enfim conciliar a natureza probabilística da Física Quântica com a unicidade do mundo em que vivemos?

Estas questões mostram que um dos problemas mais difíceis da Física Contemporânea é a compreensão do mundo clássico e a conciliação de suas propriedades com as previsões da Física Quântica. De qualquer forma, podemos observar que, saudavelmente, a Física Contemporânea, enquanto ciência viva, debate-se na construção de suas verdades relativas de ponta. A olhos leigos, entretanto, muitas vezes não transparece este fato. Atribui-se um caráter definitivo à Física Quântica, usa-se e abusa-se de sua linguagem, em geral mal compreendida, endeusa-se o seu caráter de teoria completa e considera-se a Física Quântica igual a grande panaceia universal, capaz de explicar tudo, semelhante a uma nova idolatria.

Onde tem entrado a Física Quântica na Conscienciologia?

Revisando as publicações específicas, encontramos apenas um trabalho denominado “Teoria Física Complementar” (DE SOUZA, 1991). Trata-se de uma publicação de difícil leitura, mesmo para aqueles que têm por profissão a leitura de assuntos difíceis. Este trabalho não me parece resultante de

experimentação. O autor postula, a partir de uma alusão matemática à teoria quântico-relativística de Dirac, a existência de intraplanos de supermatéria, matéria, plinerg, plinor e mentor, cuja utilidade não transparece claramente. Há, porém, neste trabalho um aspecto ao qual não se pode negar a importância; não se refere propriamente à “Teoria Física Complementar” mas ao fato de que o autor direciona parte do seu assunto à informação, sem dúvida um tema relevante.

Onde está o nosso conhecimento empírico para afirmar que a multidimensionalidade comporta-se quanticamente? Por que iríamos reduzir as bases da Conscienciologia a uma Física Quântica empregada de forma precipitada?

Observações finais

Usamos o mentalsoma como instrumento de evolução. Nossas concepções e modelos refletem o nível evolutivo que estamos alcançando. Já não mais idolatramos o raio e o trovão. Podemos também, com discernimento, estar abertos à substituição de alguns conceitos que vieram de outras ciências e religiões. O paradigma consciencial prevê estas mudanças, que implicam efetuar a relativização das verdades relativas de ponta, relativas justamente para poderem ser mudadas e não se transformarem em novos dogmas.

Naturalmente é difícil mudar. Dá muito trabalho e por vezes implica rever posturas pessoais e conceitos já utilizados que aparentemente facilitam a tarefa. Desconfiemos do que é fácil demais. Se nos confrontamos com uma situação em que sabemos tudo, podemos explicar tudo, então estaremos estagnados no processo evolutivo. A evolução ocorre continuamente, através do esforço consciencial permanente, em especial da autopesquisa da consciência.

Referências

- BRENNAN**, Ann B.; *Mãos de Luz*; editora Pensamento; 1995.
CAPRA, Fritjof; *The Web of Life: A New Scientific Understanding of Living Systems*; Anchor Books; 1996.

DAVIDOVICH, Luiz; *Cadernos de Divulgação e Educação Científica 01/98*; editado pelo Instituto de Física da UFRJ. Este é um excelente texto introdutório no qual parte desta discussão está fortemente baseada.

DE SOUZA, Samuel; *Teoria Física Complementar*; Anais do ICIPRO, página 39; 1991.

EINSTEIN, Albert e **INFELD**, Leopold; *A Evolução da Física*; 2ª. Edição; Rio de Janeiro; Zahar Editores; 1966.

FREUD, Sigmund; *Obras Completas de Sigmund Freud*; Edição Standard Brasileira; Vol. I; Imago Editora; 1972.

MORSE, Phillip; *Thermal Physics*; editora Benjamin; 1964.

POPPER, Karl e **ECCLES**, John C.; *O Cérebro e o Pensamento*; editora Universidade de Brasília; 1992.

RAJNEESH, Bhagwan S.; *Meditation, the Art of Ecstasy*; editora Paperback; 1984.

RINPOCHE, Lama Thbten Zopa; *A Não-dualidade; Ensinos do Budismo Tibetano*; 10ª. Edição; São Paulo; editora Pensamento; 1995; página 105.

ROUSSEAU, R. L.; *A Linguagem das Cores*; editora Pensamento; 1980.

VIEIRA, Waldo; *700 Experimentos da Conscienciologia*; 1058 p.; IIPC; Rio de Janeiro; Brasil; 1994.

VIEIRA, Waldo; *Projeções da Consciência*; 5ª. Edição revisada; Rio de Janeiro; IIPC; 1995; página 201.

VIEIRA, Waldo; *Projeciologia: Panorama das Experiências da Consciência Fora do Corpo Humano*; 4ª. Edição; Rio de Janeiro; IIPC; 1999.

VUGMAN, Ney Vernon; *Conscientiology and Physics: a Desirable Couple?*; Journal of Conscientiology, vol. 1, número 4, página 289; abril, 1999.

VUGMAN, Ney Vernon; *Información y Sabiduria*; Journal of Conscientiology, vol.3, número 11, página 217; janeiro, 2001.

ZUREK, W. H.; *Decoherence and the Transition from Quantum to Classical*; Physics Today, vol. 44, página 36; 1991.